

One Flat Thing, Reproduced

(França, 2006).



Filme de **Thierry De Mey**. Cores. Duração 26'.

O ritmo e o rigor da fotografia, fruto do trabalho do cineasta e músico Thierry De Mey, transpõem com grande intensidade para a tela a obra epônima de **William Forsythe**, criada em 2000. Em um imenso espaço industrial, a peça projeta o trabalho de 17 dançarinos por entre mesas metálicas. Em meio à estridência da música de Thom Willems, o palco acolhe este jorro, como um toldo fixado com pregos entre ordem e caos.

A desordem habilmente construída de *One Flat Thing, Reproduced* coloca em cena o vigor do movimento e a sua constante recriação. Um concentrado de pura dança : cadência da simetria, rupturas e quebras de ângulos animam, transformam e projetam os dançarinos no solo e no espaço. Esta implacável compilação de gestos, multiplicados pelo número de intérpretes, produz um resultado de formas e figuras simplesmente fascinantes. O rigor da montagem estrutura as ondas coreográficas que parecem, por vezes, transbordar da imagem ou apenas se conter, vibrantes, como imobilizadas dentro da sua própria tensão. O jogo com as 20 mesas, que sucessivamente se apresentam como superfície, volume, arquitetura ou acidente, não mostra mais que o esqueleto de uma grade, figura da pós-modernidade finalizada na explosão de uma nova era. I. F.

Pavilhão Negro

Pavillon Noir (França, 2006).

Filme de **Pierre Coulibeuf**. Cores. Duração 23'.



O ponto de partida do filme de Pierre Coulibeuf, rodado em 35 mm, é um prédio projetado por Rudy Ricciotti para o **Ballet Preljocaj**, objeto radical de concreto negro rasgado por uma infinidade de janelas : o 19º Centro Coreográfico Nacional, inaugurado em 2006 em Aix-en-Provence. Em uma criação inédita, sete dançarinos-atores mostram, como cicerones, os espaços do prédio. Prevaecem coreografias e paródia, mesclando diversas linguagens e temas variados, entre os quais o espaço, o tempo e o movimento.

Da realidade à ficção, associando arquitetura, dança e cinema, Pierre Coulibeuf confronta constantemente imagens e conceitos. O filme, que mistura humor e rigor formal, reúne uma multiplicidade de códigos, mostrando cenas burlescas, sátira do mundo do trabalho e meditação sobre o corpo e as suas possibilidades. Enquadramentos e movimentos, linhas, ângulos e rupturas modelam um labirinto ficcional que reconstrói os planos do arquiteto e a configuração espacial do Pavillon Noir. Como um meteorito em plena cidade, o edifício projetado por um arquiteto para um coreógrafo é o objeto de uma visita inusitada. A energia, a força, o vácuo e o corpo são alguns dos temas explorados nesta criação particular, composta de cenas e quadros coreografados nos diversos espaços do prédio.

Inspirado na sua forma próxima do construtivismo, Pierre Coulibeuf recorre à ficção para colocar à prova a realidade. I. F.

La Madâ'a

(França, 2005).



Filme de **Benjamin Silvestre**. Cores. Duração 25'.

Depois de *Animal Regard* e *Entre Temps*, **Héla Fattoumi** e **Eric Lamoureux** decidiram dar prosseguimento à estreita cumplicidade desenvolvida no trabalho com o cineasta Benjamin Silvestre.

Adaptado da peça epônima criada em 2004 para sete dançarinos e dois músicos, o filme foi rodado no sul da Tunísia. Entre luz e

sombra, muros e ruelas, linhas curvas e ângulos retos, as danças exploram a figura do entrelaçamento, em constante sintonia ou oposição com a música.

La Madâ'a, criação de Héla Fattoumi e Eric Lamoureux, dá continuidade a espetáculos anteriores destes artistas, como *Wasla*, trabalho sobre o vestígio e a memória das origens, e *Husais*, peça fundadora a partir da qual a colaboração artística entre os dois tomou corpo. O trabalho foi uma maneira de questionar as suas próprias trajetórias, mas com o cuidado de criar vínculos, de construir uma ponte entre culturas diferentes que também simbolizam as suas próprias origens e pesquisas criativas. A música do compositor Samir Joubran – encontro entre a dança contemporânea ocidental e o alaúde, instrumento de origem árabe – torna-se aqui um desafio coreográfico compartilhado por cinco outros intérpretes de diferentes países. Próximo da dança impulsiva, com seus traços ora fortes ora suaves, o cineasta prioriza a energia, a eclosão dos gestos, a fricção entre os corpos e as relações do indivíduo com o grupo. I. F.

Vagueação em Quarto de Hotel

Divagations dans une Chambre d'Hôtel (França, 2005).

Filme de **Philippe Barcinski**, **Dainara Toffoli**. Cores. Duração 25'.



De que maneira a palavra se articula com a linguagem corporal ?

Como o movimento e o pensamento podem interagir, sobretudo em um corpo único ? A partir destes questionamentos, **Bruno Beltrão**

cria *Eu e meu Coreógrafo no 63*, espetáculo cuja remontagem cinematográfica resulta no filme *Divagations*. A interposição de

imagens urbanas, fragmentadas e multiplicadas, acentuam a tensão

e o caráter deslocado do solo. Seduzido pela street dance em 1993, quando tinha 13 anos, Beltrão não tarda a destacar-se como um dos seus principais representantes no Brasil. Para ele, o hip hop é a base da sua expressão. No entanto, com o Grupo de Rua de Niterói (sua cidade natal), que ele funda três anos mais tarde com Rodrigo Bernardi, o que este artista busca não é tanto se destacar, mas liberar-se de códigos e clichês : "o hip hop colocou em órbita um vocabulário rico e inovador. Agora, é preciso fazer com que entre em crise. Ao nos distanciarmos e dissecarmos o seu vocabulário, poderemos descobrir novas estéticas". É neste sentido que ele tem trabalhado, com extraordinária maturidade, desde as suas

primeiras obras, recorrendo sobretudo a processos de criação usados na dança contemporânea. Por sua dimensão intimista, pelo domínio da composição gestual, pela partitura sonora, constituída pela voz do dançarino, pela palavra em constante busca do sentido, *Eu e meu Coreógrafo* é um exemplo característico da linguagem elaborada por Bruno Beltrão. M. B.

Uzès Quintet

(França, 2003).

Filme de **Thierry De Mey**. Cores. Duração 26'.



Rodado durante o Festival de la Nouvelle Danse de Uzès, em 2003, este filme, composto como um quinteto, mescla os universos coreográficos de **Javier de Frutos, Emanuel Gat, Kitt Johnson, Collectif Peeping Tom, Nathalie Pernet e Andreas Schmid**. Situadas e interpretadas em ambientes naturais, no meio de

bosques e campos, as cenas dos espetáculos compõem uma viagem pelas paisagens do sul da França.

O filme não procura mostrar uma obra em particular. O ponto de vista que Catherine Maximoff oferece sobre a dança concentra-se no trabalho dos intérpretes, na maneira como o corpo e o universo de cada coreógrafo entram em ressonância com o meio ambiente. Confrontando discursos, estilos e criações extremamente diferentes, *Uzès Quintet* funde-se na matéria e no tempo, combinando elementos que, em princípio, não mantêm relação alguma entre si. O céu, o calor, a luz e a vegetação são tão importantes quanto os dançarinos. Os movimentos de grupo, duos ou solos, as situações por vezes mais teatrais ou encenadas – certas imagens lembram o palco e a dimensão espetacular das coreografias – só têm como razão de ser a configuração e as mudanças da paisagem, bem como a maneira como os dançarinos ocupam o espaço, revelando e transformando esta paisagem. I. F.

Os Pés no Palco

Les Pieds sur Scène (França, 2005).

Filme de **Eric Legay**. Cores. Duração 52'. Dança.



Os 20 anos da **companhia Black Blanc Beur** representaram uma oportunidade para apresentar o trabalho original da coreógrafa Christine Coudun e o projeto artístico por ela desenvolvido em Saint-Quentin-en-Yvelines. Entrevistas, ensaios e trechos de espetáculos contribuem para a análise de um trabalho internacionalmente conhecido, resultado de uma pesquisa inovadora sobre o vocabulário hip hop, mas que “ultrapassa a esfera particular

desta dança para alcançar uma dimensão mais universal”.

Défilles (2001) apresenta um duo de jovens dançarinas de break que desafiam, com humor e feminilidade, o mundo masculino que as cerca (música de DJ Mouss). *Break Quintet* (2002), coreografia para cinco dançarinos, coloca em cena, com um certo sarcasmo, um grupo de jovens de férias em terras hostis. *Si je t'M* (2004), espetáculo para oito

dançarinos, questiona, sem o peso de estereótipos, a relação homem-mulher, introduzindo um trabalho de contato pelo gesto. Christine Coudun incorpora, em composições de grupo, os diversos elementos do vocabulário especializado da break dance e uma grande mobilidade de ação no espaço. Ao optar pelas “memórias do futuro” oriundas de bairros populares e de grupos de imigrantes, a artista abriu um caminho até então inexplorado; ao desenhar os gestos e colocar-se à escuta das notáveis qualidades de improvisação dos dançarinos, focalizou-se no sentido dos gestos contidos no movimento para conduzi-los à coreografia. I. F.

Paso Doble

(França, 2005).

Filme de Agustí Torres . Cores. Duração 41’.



Nem espetáculo nem performance no sentido estrito da palavra, Paso Doble é o fruto lentamente amadurecido do encontro entre dois artistas, o plasticista Miquel Barceló e o dançarino e coreógrafo Josef Nadj. Trata-se de uma obra de arte efêmera, interseção de dois campos de experiência e duas expressões artísticas nas quais a terra – a argila – surge como ponto de origem e como protagonista

da confrontação.

Na raiz do projeto, a amizade entre os dois homens e a freqüentação atenta, por parte de Josef Nadj, do ateliê de Miquel Barceló. Este mergulho no seu universo plástico e a “chance extraordinária de ver as suas obras ainda em aberto, a transformar-se”, fizeram brotar no dançarino o desejo, um pouco insensato, de “entrar no quadro”. Paso Doble nasceu assim – representando, para um, o desafio de dar corpo ao seu desejo e, para o outro, o de aceitar a presença de um parceiro e de trabalhar em público, em um intervalo de tempo extremamente condensado em relação à sua prática habitual. Mas Paso Doble representa também uma tentativa de criar uma obra plástica que se confunda com o próprio ato de criação, visto que o quadro obtido no final de cada experiência reiterada é imediatamente destruído, apagado. Nada deve subsistir, a não ser na memória das testemunhas diretas, ou graças a imagens como as que Agustí Torres filmou no verão de 2006, durante as 13 representações de Paso Doble na Église des Célestins de Avignon. M. B.